

FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO EM *LA FEMME ROMPUE* DE SIMONE DE BEAUVOIR

Ana Paula Dias IANUSKIEWTZ*

RESUMO: Freud recorreu várias vezes à literatura para exemplificar, por meio do universo ficcional, suas análises referentes às patologias mentais como, por exemplo, as neuroses, as paranoias, as psicoses e as perversões. Por outro lado, a literatura também se apropriou das descobertas da psicanálise para potencializar na ficção a desestruturação do sujeito moderno. Simone de Beauvoir foi uma das vozes mais atuantes na pós-modernidade, sobretudo no que diz respeito à maneira pela qual a subjetividade feminina é construída e fragmentada nas sociedades patriarcais pelo discurso do Outro. Desta forma, este artigo pretende expor o modo como a obra de Simone de Beauvoir, *La femme rompue* (1967), retrata o descentramento do sujeito pelo viés do feminismo e da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Simone de Beauvoir. *La femme rompue*.

[...] embora a opressão das mulheres seja uma realidade material, uma questão de maternidade, de trabalho doméstico, de discriminação de empregos e de salários desiguais, ela não pode ser reduzida a esses fatores: trata-se também de uma questão de ideologia sexual, das maneiras pelas quais os homens e mulheres se concebem e concebem o outro em uma sociedade dominada pelos homens, de percepções e comportamentos que vão da brutalidade explícita à brutalidade inconsciente. (EAGLETON, 1994, p.160).

Definimos o sujeito do Iluminismo como um indivíduo centrado, unificado, cuja razão é o principal atributo, enquanto o sujeito pós-moderno é caracterizado por sua identidade fragmentada, contraditória e instável. O marxismo, a psicanálise, as teorias de Saussure, o trabalho de Foucault e o movimento feminista foram os responsáveis por trazer à tona o questionamento acerca da formação da identidade do sujeito da pós-modernidade.

* Bolsista Fapesp - Doutorando em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de pós-graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP - Brasil. 14800-901 - paulakiewtz@yahoo.com.br. B

Stuart Hall (2005), em seu texto “*Descentrando o sujeito*”, aponta cinco avanços na teoria social e nas ciências modernas que resultaram no descentramento final do sujeito cartesiano na modernidade tardia, ou seja, na segunda metade do século XX. A primeira descentração refere-se às tradições do pensamento marxista que foram reinterpretadas e redescobertas na década de sessenta sob a afirmação de Marx de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. O indivíduo, então, deixa de ser o “autor” de sua história e passa a agir condicionado pelos recursos materiais e de cultura fornecidos pelas gerações que o precederam.

A descoberta do inconsciente por Freud foi a grande responsável pelo segundo dos grandes descentramentos do sujeito do século XX. Antes da teoria de Freud, o sujeito era considerado como um indivíduo unificado, centrado e que gozava das capacidades da razão, da consciência e de ação. Enquanto o cogito cartesiano, “penso, logo existo” afirma o Eu como o lugar da verdade, o cogito freudiano revela que o Eu é o lugar do ocultamento, da fragmentação, do sujeito formado por inúmeras e complexas negociações psíquicas inconscientes com o Outro.

O trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure afirma a subordinação do sujeito em relação a sua própria língua, pois ao falar uma língua, não somos os “autores” de nossas afirmações. A língua é um sistema social, dotada de significados que não são fixos, e que sempre preexiste ao indivíduo. A teoria de Saussure seria, então, a responsável pelo terceiro descentramento do sujeito da modernidade.

O quarto descentramento do sujeito ocorreu com o trabalho de Michel Foucault que revelou os diferentes processos de subjetivação do indivíduo por meio das instituições disciplinares. Essas instituições disciplinares são representadas pelas prisões, hospitais, quartéis e escolas e instituem nos indivíduos técnicas de vigilância e de regulamentações. Dessa forma, Foucault destaca a função do “poder disciplinar” que essas instituições exercem sobre a vida dos sujeitos, controlando-os e tornando-os “corpos dóceis”, com base no poder dos regimes administrativos.

O movimento feminista, tanto como crítica teórica quanto movimento social, foi o que deu origem ao quinto descentramento do sujeito. Durante os anos sessenta, o feminismo, junto com outros movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as revoltas estudantis, as lutas pelos direitos civis e os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo” buscavam a identidade social de seus

sustentadores. O feminismo, além de trazer para o âmbito político esferas que antes pertenciam somente à vida privada, como a família, a sexualidade e o trabalho doméstico, abordou também a questão da formação dos sujeitos generificados.

Assim como o pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, as teorias de Saussure e os escritos de Foucault, Simone de Beauvoir foi uma das vozes mais atuantes na pós-modernidade, principalmente no que diz respeito à maneira pela qual a subjetividade feminina é construída e fragmentada nas sociedades patriarcais pelo discurso do Outro.

Simone de Beauvoir produziu grande parte de sua obra ficcional e filosófica nos anos 40 e 50, em que o Existencialismo era o pensamento filosófico em voga na França, e tinha Albert Camus, Maurice Merleau-Ponty e Sartre como seus representantes. Consequentemente, seu nome sempre esteve relacionado com esse movimento.

De maneira geral, os existencialistas acreditam que toda experiência humana se define por meio da liberdade de escolha e das ações, não existindo nada a priori que caracterize a existência de um indivíduo. Sendo assim, cada qual é responsável por encontrar e revelar o seu significado no mundo por meio das ações, e a nossa liberdade carrega sempre a difícil tarefa de arcar com a responsabilidade de nossos fracassos, ou com a glória de nossos êxitos. No entanto, devido à grande dificuldade que o ser humano tem em assumir a sua liberdade, muitos a recusam e agem por *má-fé*, um conceito muito discutido entre os existencialistas.

Em sua obra *Le deuxième sexe*, Simone de Beauvoir (1986a, 1986b) faz uma ampla análise das questões relativas à biologia, à psicanálise, ao materialismo histórico, aos mitos e à educação que norteiam o universo feminino. Segundo ela, mais do que “educada”, a mulher nas sociedades capitalistas e patriarcais é condicionada a ser inferior e submissa ao homem. Ao discutir a condição da mulher nessas sociedades, Simone de Beauvoir cita o exemplo de *má-fé* quando analisa o fracasso da mulher em assumir a responsabilidade de sua liberdade. Assim, por meio dos valores sociais e culturais que lhe são transmitidos ao longo de sua vida, a mulher é induzida a acreditar que sua liberdade nem sempre significa o caminho mais seguro para suas realizações como indivíduo. Entretanto, é importante observar que o conceito de liberdade em Beauvoir diferencia-se significativamente se comparado ao de Sartre. Em *L'être et le néant* (1943), Sartre afirma que estamos sempre livres para escolher, mesmo se a liberdade de escolha representa somente o ato de recusar uma determinada situação. Já Simone de

Beauvoir considera a liberdade condicionada à facticidade, ou seja, de certa maneira, a liberdade está relacionada às circunstâncias impostas por um contexto social, uma cultura ou um momento histórico.

A Fenomenologia, que afirma no indivíduo a importância dos fenômenos da consciência, foi outra corrente filosófica que muito influenciou o pensamento de Simone de Beauvoir, principalmente a Fenomenologia de Martin Heidegger e Merleau-Ponty, e vários estudiosos do feminismo interpretam as obras de Beauvoir como fenomenológicas e existencialistas. Assim, Eva Gothlin¹ em seu artigo *Reading Simone de Beauvoir with Martin Heidegger* afirma que:

Thus, for Beauvoir, human beings are not free to be anything whatsoever, since they are situated. On the other hand, a human being is not defined in advance as having an essence, for example, feminine or masculine, evil or good... But one should note here an interesting difference between Sartre and Beauvoir and an interesting resemblance between Heidegger and Beauvoir in the conceptualization of existence, something that also has to do with their view of "possibilities".

Terry Eagleton (1994, p.234) afirma que “Freud foi um exemplo típico da sociedade dominada pelo homem, em sua desorientação diante da sexualidade feminina – o ‘continente sombrio’, como ele próprio chamou [...]” e acrescenta que sua exposição do processo de edipalização da menina não pode ser facilmente separada de seu sexismo. Compartilhando da mesma opinião de Eagleton, Simone de Beauvoir, em *Le deuxième sexe*, no capítulo dedicado às questões psicanalíticas referentes à mulher, *Le point de vue psychanalytique*, declara que:

Freud ne s'est pas beaucoup soucié du destin de la femme...il admet que la sexualité de la femme est aussi évoluée que celle de l'homme ; mais il ne l'étudie guère en elle-même. Il écrit : “La libido est de façon constante et régulière d'essence mâle, qu'elle apparaisse chez l'homme ou chez la femme.” Il refuse de poser dans son originalité la libido féminine. (BEAUVOIR, 1986a, p.79-80).

Entretanto, segundo Beauvoir, mesmo que a psicanálise apresente falhas em sua teoria em relação a alguns aspectos que permeiam o universo feminino, ela possibilitou um imenso progresso para a psicofisiologia ao considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter sido revestido de um sentido humano. Sendo assim, não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente, mas o corpo vivido pelo sujeito em consonância com seus afetos.

¹ Ver: Card (2003, p.52).

Tal como Freud, Simone de Beauvoir também reconhece a primazia do falo no desenvolvimento da criança, mas, de acordo com ela, o que advém do “complexo de castração” não é o fato de a menina invejar o órgão masculino, mas todos os valores de virilidade, supremacia e superioridade que a ele são associados pela sociedade:

La fillette n'envie le phallus que comme le symbole des privilèges accordés aux garçons ; la place qu'occupe le père dans la famille, l'universelle prépondérance des mâles, l'éducation, tout la confirme dans l'idée de la supériorité masculine. (BEAUVOIR, 1986a, p.84).

Beauvoir se recusa a considerar a sexualidade um dado imutável que define para sempre o destino da mulher. Ela define a mulher como um indivíduo em busca de valores, em um mundo já constituído por valores que a precedem, cujas estruturas sociais e econômicas são de extrema importância na sua formação como sujeito. No entanto, em muitas ocasiões é dada à mulher a opção de escolher entre a afirmação de sua transcendência ou sua alienação como objeto, não sendo ela apenas o joguete de impulsos contraditórios. De acordo com Simone de Beauvoir, a liberação feminina pode ser concretizada por meio do conhecimento dos processos de dominação e das possibilidades de transformá-los pelos atos de liberdade. Sendo assim, o feminismo de Simone de Beauvoir é um feminismo existencialista, pois considera a dominação histórica e social efetiva, apontando para a liberdade essencial do indivíduo.

Em *Deslocamento do feminino*, Maria Rita Kehl (1998, p.316, grifo nosso) elucida que “[...] o sujeito de que trata a psicanálise, tenha ou não existido algum outro antes dele, é, por definição, um ser de cultura, constituído numa dimensão histórica e simbólica que o antecede **sempre**.” Apesar de Simone de Beauvoir discordar de alguns aspectos da teoria de Freud e enfatizar a questão da liberdade na mulher, podemos dizer que ela também considera a mulher esse ser de cultura definido por Freud, inserido num contexto cultural e histórico que a precede.

A psicanálise compreende um campo de pesquisas que abrange as patologias mentais como as neuroses, as paranoias, as psicoses e as perversões, e tem como objetivo clínico a cura pela palavra de um doente. Há vários fatores pelos quais a psicanálise se associou à literatura e esta, por sua vez, apropriou-se das descobertas realizadas pelos psicanalistas para potencializar, por meio da ficção, a desestruturação do homem moderno provocada pelo confronto com a realidade que o circunda. Dessa maneira, a guerra, a mecanização da vida, a velhice e a morte desencadeiam certa “angústia de existir” que se manifesta pela busca da

identidade através da memória, pela recorrência a sonhos, pelo encontro com o inquietante e com a morte.

La femme rompue, última obra ficcional de Simone de Beauvoir, é constituída por três novelas, *L'âge de discrétion*, *Monologue* e *La femme rompue*, que abordam o tema da vulnerabilidade das mulheres no que diz respeito ao envelhecimento, à solidão e à perda do ser amado, retratando a condição das mulheres em uma sociedade ainda dominada pelos valores patriarcais. Simone de Beauvoir, nessas três narrativas, recorre ao fluxo de consciência, ao monólogo e à escrita de um diário para expor as experiências caóticas pelas quais passam essas personagens.

Na primeira novela, intitulada *L'âge de discrétion*, a protagonista, de que o leitor desconhece até mesmo o nome e sabe apenas que é a esposa de André e a mãe de Philippe, é uma intelectual, uma escritora que acabou de lançar um livro sobre Rousseau e que, aos sessenta anos, narra as mudanças e conflitos que o processo de envelhecimento lhe ocasiona. Nessa fase, ela procura um sentido para sua vida e percebe que o único filho se tornou um adulto com suas próprias ideias e ambições, como podemos notar na seguinte reflexão da personagem: “[...] *que faire quand le monde s'est décoloré? Il ne me resta qu'à tuer le temps. J'étais dégoûtée de mon corps, Philippe est devenu un adulte, après le succès de mon livre sur Rousseau, je me sentais vide. Vieillir m'angoissait.*” (BEAUVOIR, 1967, p.16).

Não há nessa narrativa a presença de um narrador onisciente que garanta a objetividade das descrições psicológicas ou físicas das personagens. Tudo o que o leitor conhece a respeito da trama é por meio do olhar, da percepção, das reflexões e dos devaneios da protagonista que a remetem ao passado, no qual ela abandonou sua felicidade e seus ideais.

De uma maneira geral, o estudo dedicado à representação do trabalho da memória em um texto ficcional, a partir do suporte psicanalítico, deve levar em conta que o trabalho da memória relaciona-se com o inconsciente e que este é movido pelo desejo. Sendo assim, uma das maneiras de representação da memória na ficção ocorre por meio das lembranças, do sonho, do devaneio, da busca da identidade, das relações familiares, da exposição de um trauma e de lapsos. Freud (1987), em sua obra *Interpretação dos sonhos*, define os sonhos como um transformador de afetos que, para escapar à censura, serve-se do deslocamento e da condensação.

No enlace entre literatura e psicanálise, Adélia Bezerra de Meneses (1995), em *Do poder da palavra*, ressalta a importância dos recursos estilísticos, como

a metáfora e a metonímia na representação do trabalho da memória no texto ficcional:

Não é dado bruto que importa, mas sua transposição para o papel e sua necessária transformação, quando entram os recursos estilísticos, a metáfora, a metonímia, o símbolo, a alegoria; quando atuam os processos de elaboração poética de condensação e deslocamento, e “os gatos se transformam em papa-ratos[...]” (MENESES, 1995, p.160).

Assim, nota-se que, em *L'âge de discrétion*, Simone de Beauvoir utilizou os mesmos mecanismos dos sonhos descritos por Freud para transpor nessa obra ficcional o trabalho da memória. Por exemplo, um simples passeio da protagonista pelas ruas do bulevar Edgar-Quinet a transporta para seu passado, quando, ao observar os idosos, ela se lembra de como antes eles não pertenciam a sua realidade:

[...] la petite vieille clopinait d'un étal à l'autre, ses mèches bien tirées en arrière, serrant la poignée de son cabas vide. Autrefois je ne me souciais pas des vieillards ; je les prenais pour des morts dont les jambes marchent encore; maintenant je les vois: des hommes, des femmes, juste un peu plus âgés que moi [...] (BEAUVOIR, 1967, p.12).

Esse deslocamento da personagem para o passado a confronta com seu presente e a faz, inconscientemente, tentar resgatar sua identidade perdida ao longo dos percalços da velhice. Em outro momento, ao colocar a mesa do almoço, a personagem lança seu olhar para a cozinha de sua casa e isso a remete à figura de sua avó que vivia em Milly. Observamos, então, que talvez ela seja o duplo de sua avó que se realizava, como ela, nas mesmas funções de dona do lar, mãe e esposa: “[...] vers treize heures, je me suis arrêtée pour dresser la table dans la cuisine : tout à fait la cuisine de grand-mère, à Milly – je voudrais revoir Milly [...]” (BEAUVOIR, 1967, p.13).

A segunda narrativa de *La femme rompue*, *Monologue*, corresponde ao monólogo de Murielle, uma mulher que às vésperas do Ano Novo, abandonada pelo marido e pela família, se encontra sozinha, ruminando seu ódio contra a vida, as pessoas e o mundo:

Mon Dieu! Faites que vous existiez! Faites qu'il y a un ciel et un enfer je me promènerai dans les allées du paradis avec mon petit garçon et ma fille chérie et eux tous ils se tordront dans les flammes de l'envie je les regarderai rôtir et gemir je rirai je rirais et les enfants riront avec moi. Vous me devez cette revanche à moi. (BEAUVOIR, 1967, p.118).

A perda traumática de sua filha, que cometeu suicídio, desencadeia em Murielle uma neurose que se exprime por uma depressão e por sua revolta contra sua realidade atual. Dessa forma, o monólogo dá vazão aos tormentos da psique dessa personagem agravados por seu sentimento de culpa pela morte da filha:

“Sylvie, tu es malade?” Elle avait l'air de dormir elle était encore tiède. C'était fini depuis quelques heures m'a dit le médecin. J'ai hurlé j'ai tourné dans la chambre comme une folle. “Sylvie Sylvie pourquoi m'as tu fais ça”... Et ils sont arrivés ils embrassaient Sylvie aucun ne m'a embrassé et ma mère a crié: “Tu l'as tuée!” ma mère ma propre mère [...] (BEAUVOIR, 1967, p.111-112).

Os pensamentos desnorteados de Murielle também anulam a linearidade cronológica, misturando sensações do passado e do presente, não havendo, portanto, tempo físico da narrativa. Esta é, assim, o reflexo de uma consciência obsessiva e doentia que também busca no passado, por meio de suas reminiscências, alguma justificativa para seus sofrimentos.

Finalmente, na terceira novela, que leva o título da obra, *La Femme Rompue*, o leitor acompanha o drama de Monique, uma dona-de-casa, que, de repente, vê sua vida familiar desabar quando o marido a troca por uma amante. Monique perde o rumo de sua vida, pois a identidade que possuía como mulher era apenas aquela de esposa e de mãe: *“Je ne sais plus rien. Non seulement pas qui je suis mais comment il faudra être. Le noir et blanc se confondent, le monde est un magma et je n'ai plus de contours. Comment vivre sans croire à rien ni à moi-même?”* (BEAUVOIR, 1967, p.16). Este é o dilema de Monique no final da narrativa.

Simone de Beauvoir, ao se referir a essa obra, disse: *“La Femme Rompue est la victime stupéfaite de la vie qu'elle s'est choisie: une dépendance conjugale qui la laisse dépouillée de tout et de son être même quand l'amour lui est refusé.”* (LAUBIER, 1990, p.55). O drama de Monique ecoa o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir, pois aponta para a liberdade essencial que a mulher deve buscar para libertar-se das amarras que a sociedade patriarcal lhe impõe.

Monique narra seu cotidiano e seus dilemas por meio de um diário que ela começa no início da primavera. Casada há quinze anos com Maurice, ela faz planos de curtir um pouco a solidão com ele, pois suas filhas, já adultas, não moram mais com ela. Seu marido insiste para que ela arrume um emprego, uma ocupação, mas isso não a interessa: *“[...] voilà une des raisons – la principale – pour lesquelles je n'ai aucune envie de m'astreindre à un métier: je supporterai mal de n'être pas totalement à la disposition des gens qui ont besoin de moi.”* (BEAUVOIR, 1967, p.125). No entanto, não são as pessoas que precisam dela, mas é ela que

tem uma necessidade constante de se assegurar como indivíduo por meio do amor e do afeto de suas filhas e de seu marido.

Logo no início de sua narrativa, Monique escreve em seu diário que nos últimos meses, Maurice demorava mais tempo para chegar do trabalho. Porém, certo dia, depois de ele entrar batendo as portas às três horas da manhã, Monique não encontrou mais maneiras de esconder a sua desconfiança e o confrontou. Como esperado, Maurice tinha outra mulher. A partir de então, tal como as personagens de *L'âge de discrétion* e *Monologue*, ela enfrenta sua crise existencial, pois tem que aprender a viver sozinha. Mas as boas lembranças do passado, mesmo que distantes, lhe oferecem um bom refúgio contra a solidão:

J'ai cherché refuge dans notre passé. J'ai étalé devant le feu les boîtes pleines de fotos... C'est curieux. Est-ce que ça signifie quelque chose? Toutes les images qui me reviennent au coeur ont plus de dix ans... Peut-être les souvenirs les plus lointains paraissent-ils toujours les plus beaux [...] (BEAUVOIR, 1967, p.151-152).

A relação que Monique tem com as filhas é igualmente um tanto quanto conflitante. Lucienne, que é a mais independente, possui mais afinidades com o pai e Monique parece conhecer bem as razões: “*Lucienne avait des rapports compliqués avec moi parce qu'elle adorait son père, un Oedipe classique: ça ne prouve rien contre moi [...]*” (BEAUVOIR, 1967, p.188). Em relação a Colette, Monique passa a se preocupar mais com o comodismo que a filha, como ela, demonstra em relação a sua vida tranquila de esposa e dona do lar. Por outro lado, Colette se espelha na mãe, que para ela representa o ideal a ser seguido. Depois da decepção que teve com o marido, Monique tenta alertar a filha:

Je lui ai demandé si elle ne s'ennuyait pas... Non, elle serait plutôt débordée; c'est moins simple qu'elle ne croyait de tenir une maison. Elle n'a plus le temps de lire ni d'écouter de la musique. “Essaie de le prendre”, lui ai-je dit, “sinon on finit par s'abêtir.” J'ai dit que je parlais en connaissance de cause. Elle a ri: si je suis bête, elle veut bien l'être aussi. (BEAUVOIR, 1967, p.216).

Theodor Adorno, em *Minima Moralia* (1993, p.83), elucida que “[...] o que na civilização passa por natureza é por sua própria substância o mais afastado de toda a natureza, a transformação pura e simples de si mesma em objeto. Nas mulheres... sua pureza intacta é justamente obra do Eu, da censura, do intelecto.” Embora não tenha sido somente na modernidade que o discurso sobre a mulher e a feminilidade se desestabilizou, foi nesse contexto que a psicanálise e o feminismo mais se afirmaram. Um dos objetivos dos estudos de Freud foi

analisar o desenvolvimento do indivíduo em termos sociais e históricos. Simone de Beauvoir também pensou na formação do sujeito como um construto social e histórico mas, além disso, desmistificou os discursos referentes à ideia de natureza feminina, propondo, por meio de seus ensaios e obras ficcionais, alternativas para que as mulheres buscassem sua própria identidade, apesar do **Outro**.

THE FRAGMENTATION OF THE SUBJECT IN LA FEMME ROMPUE BY SIMONE DE BEAUVOIR

ABSTRACT: *Freud used several times literature to explore, through the fictional universe, his analysis concerning mental disorders such as, neuroses, paranoias, psychoses and perversions. On the other hand, literature also employed the discoveries of psychoanalysis to enhance in fiction the disintegration of the modern subject. Simone de Beauvoir was one of the most active voices in post-modernity, especially regarding the manner by which female subjectivity is constructed and fragmented in the patriarchal societies by the discourse of the Other. Thus, this paper aims to present how the work of Simone de Beauvoir, *La Femme Rompue* (1967), depicts the displacement of the subject from a feminist and psychoanalytic perspective.*

KEYWORDS: *Feminism. Simone de Beauvoir. La Femme Rompue.*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Minima moralia:** reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. Revisão da tradução Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.

BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe I.** Paris: Gallimard, 1986a.

_____. **Le deuxième sexe II.** Paris: Gallimard, 1986b.

_____. **La femme rompue.** Paris: Gallimard, 1967.

CARD, C. **The Cambridge companion to Simone de Beauvoir.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura:** uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1987. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

Fragmentação do sujeito em *La femme rompue* de Simone de Beauvoir

HALL, S. Descentrando o sujeito. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.34-46.

KELH, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAUBIER, C. **The condition of women in France, 1945 to the present**: a documentary anthology. Londres: Routledge, 1990.

MENESES, A. **Do poder da palavra**: ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

SARTRE, J. -P. **L'être et le néant**. Paris: Gallimard, 1943.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FRANCIS, C; CONTIER, F. **Les écrits de Simone de Beauvoir**. Paris: Gallimard, 1979.

